



O fantasma dos macabros assassinatos assombrou Londres. Durante três meses, no final de 1888, Jack, o Estripador, aterrorizou a capital britânica ao atacar as mulheres da noite, indefesas, que se interrogavam sobre quem seria a próxima vítima. As causas da peste negra permaneceram obscuras até cerca de 1890, quando o francês Alexander Yersin descobriu a explicação. Todas as formas da peste negra são causadas pelas

bactérias *Pasteurella pestis*, que se encontra em pequeno núcleo em alguns roedores selvagens. As bactérias espalham-se através da pulga da ratazana, a *Xenopsylla cheopis*.

Quando uma pulga pica um animal que tenha bactérias da peste, fica infectada. As bactérias multiplicam-se e acabam por entupir o tubo digestivo da pulga. Como já não pode engolir, a pulga injeta bactérias, que continuam a multiplicar-se na corrente sanguínea do seu hospedeiro, a cada vez que o pica. Os roedores possuem alguma imunidade às bactérias, mas se ficarem muito infectados, morrem, e as pulgas tem de arranjar um novo hospedeiro.

A peste negra pode ter começado na Ásia Central, chegando depois, através das rotas comerciais, ao porto de Caffa. Aqui, uma grande população de ratazanas negras facilitou a proliferação da peste, e como muitos destes animais viviam nos barcos, foi fácil passarem para a Europa. No continente, as ratazanas e as pulgas asseguraram uma rápida propagação da doença.

A peste pneumônica transmitia-se mais diretamente através de gotículas de sangue e muco espalhadas pela tosse de um doente e inaladas por outras pessoas.

Com um pedaço de rim humano enviado à polícia pelo correio, vinha uma carta: "Mando metade do rim que tirei de uma mulher... o resto eu fritei e comi..." O endereço do remetente era: "Do Inferno." Estava-se no outono de 1888, e toda a Londres soube imediatamente que o macabro documento vinha de Jack, o Estripador, que acabara de esfaquear até a morte a sua quarta vítima conhecida, Catherine Eddowes, de 43 anos.

As quatro mulheres tinham sido, todas elas, prostitutas patéticas, envelhecidas e gastas, obrigadas a exercer o seu degradante comércio no bairro miserável conhecido por Whitechapel. Autêntica fossa de uma população pobre e miserável, era cortado por ruas e vielas estreitas que formavam um labirinto sujo de tabernas, bordéis e antros de ópio. Menos de metade das crianças do bairro conseguia passar dos 5 anos; e sem cada pequeno quarto deste distrito coalhado de lixo chegavam a viver setes pessoas. Para não morrerem de fome nestas condições desesperadas, muitas jovens não tinham outra alternativa senão tornarem-se prostitutas. Eram estas as mulheres que, por razões inexplicáveis, constituíam as presas do estripador, que nunca foi apanhado nem sequer identificado.

Morte no nevoeiro

A primeira vítima foi Mary Ann "Polly" Nichols, de 42 anos, cuja garganta foi cortada na noite de 31 de agosto. Enquanto ela morria deitada num pequeno beco sujo, o assassino rasgava-lhe o abdômen com uma faca de 25 cm de lâmina. Oito dias depois, "Dark Annie" Chapman, de 47 anos, já enfraquecida pela tuberculose, foi morta exatamente da mesma maneira e com o mesmo tipo de arma.

As pessoas lembraram-se então do assassinato de uma outra prostituta de Whitechapel ocorrido anteriormente. Como esta morrera apunhalada, a polícia considerou não haver ligação entre os casos, mas o público tinha opinião diferente e protestou, receoso, obrigando a polícia a enviar reforços para o bairro. Detetives particulares e voluntários civis alistaram-se na Comissão de Vigilância de Whitechapel, instituída por formas comerciais londrinas preocupadas com o assunto.

O medo que aumentava trouxe à tona os aspectos negativos da vida na época vitoriana. Os membros dessa sociedade bem estabelecida não se preocupavam com as condições cruéis em que viviam as camadas pobres. Numa época em que os assuntos sexuais não eram sequer mencionados e muito menos discutidos, as chamadas pessoas decentes fingiam não ver as numerosas prostitutas das ruas da cidade.

No entanto, as atenções continuaram viradas para o assassino, que escrevera a primeira carta em que se gabava dos seus crimes com tinta vermelha e a assinatura com o nome que a si próprio atribuía: Jack, o Estripador. As suas afirmações sarcásticas de que a polícia não o apanharia pareciam fundadas, apesar de serem

evidentes certos padrões dos seus crimes.

Os patologistas concluíram que o assassino era canhoto e tinha bastante conhecimentos de anatomia, pois obviamente sabia extrair com precisão órgãos humanos. E, pouco a pouco, verificou-se que todos os crimes tinham ocorrido entre as 11 horas da noite e as 4 da manhã. Mas isto não era, de forma alguma, prova suficiente. Os investigadores começaram a perseguir pessoas inocentes só porque eram criminosos comuns, agressores sexuais conhecidos ou cirurgiões e açougueiros com perturbações mentais. Essa perseguição revelou-se infrutífera.

Os crimes do assassino tornaram-se ainda mais audaciosos – e mais tenebrosos. Aparentemente surpreendido logo depois de Ter cortado a garganta de Elizabeth “Long Liz” Stride, de 45 anos, o estripador desapareceu rapidamente nas brumas pouco depois da meia-noite de 30 de setembro, deixando a vítima morta, mas não mutilada. Encontraram-na segurando numa das mãos um cacho de uvas e na outra alguns doces. A pessoa que surgira nessa hora ouvira passos, mas não conseguira enxergar o assassino.

Privado do seu prazer habitual, o estripador atacou de novo passados 45 minutos. O seu alvo foi Catherine Eddowes, que ele matou e estripou, tirando-lhe o pedaço de rim que enviou pelo correio. Inacreditavelmente, um guarda que patrulhava o local a apenas alguns metros nada ouviu; e o assassino, presumivelmente sujo de sangue, conseguiu uma vez mais escapar naquela movimentada noite de Sábado, num bairro superpovoado e cheio de reforços de policiais e vigilantes prontos para o agarrarem.

Um suspeito de sangue real...

Durante as seis semanas seguintes, o estripador não deu mais sinais de vida. Entretanto, a polícia prosseguia em uma pista interessante.

Na noite em que Stride e Eddowes tinham sido mortas, um agente detivera um cavalheiro que falava com uma prostituta. Ao ser interrogado este suspeito bem falante – deslocado em tão miserável bairro – afirmou ser médico e convenceu o agente a deixá-lo partir. Subitamente, espalharam-se boatos incontroláveis: seria o criminoso um elemento da alta sociedade que, levado por qualquer louco impulso, tivesse ficado obcecado pela vida desregada daquele bairro?



Durante quase um século, um suspeito favorito dos adeptos desta teoria foi o duque de Clarence, neto da rainha Vitória. Os jornais da época, contudo, nunca publicaram tais especulações, pois o duque era o filho mais velho do herdeiro do trono, o príncipe de Gales e futuro Eduardo VII. Mas sabia-se que o duque sofria de algum tipo de instabilidade mental, e os defensores daquela teoria apontam que ele foi internado num hospital de doentes mentais depois do último crime e que nunca mais de lá saiu. O duque morreu em 1892.

... e um suicídio conveniente

O mais horrível destes assassinatos teve lugar na madrugada de 10 de Novembro. Às 3:45 desse dia, os vizinhos ouviram gritos provenientes do quarto de Jane “Black Mary” Kelly, que tinha apenas 24 anos. Quanto a criada do senhorio entrou no quarto, já de dia, tornou-se evidente que o estripador aproveitara a privacidade oferecida pelo alojamento da vítima: minuciosamente, tinha tirado as vísceras do cadáver, removido o coração e os rins e arrumado pelo quarto as outras partes do corpo.

Este crime brutal e bizarro foi o último atribuído oficialmente a Jack, o Estripador. Algumas semanas depois, a polícia encerrava o caso, sem qualquer explicação ao público perplexo. Os membros da Comissão de Vigilância de Whitechapel foram informados, em particular, de que o assassino confessara antes de se afogar no Tâmesa. Mas até hoje a nota de suicídio nunca foi publicamente apresentada, nem o seu conteúdo revelado. Muita gente suspeita que as autoridades engendraram um embuste para protegerem ou o duque de Clarence ou um maligno agente da polícia.

Quanto à história do homem afogado, fora realmente retirado do Tâmesa o corpo de um suicida depois do assassinato de “Black Mary” Kelly. No dia 3 de dezembro, Montague John Druitt, um advogado com uma vida difícil e obcecado pela doença mental da mãe, matou-se por afogamento. A sua nota de suicídio, nunca exposta a pública, podia bem ser a confissão mencionada pela polícia ao encerrar o caso.

Filho de uma família aristocrática de médicos, Druitt tinha boas ligações com a alta sociedade inglesa, tendo freqüentado um colégio de prestígio. Os seus confrades num clube da elite, Os Apóstolos, provinham das mais importantes famílias do país; e todos os que conheciam o advogado concordavam em que ele detestava as mulheres.

Em 1º de julho de 1888, Mrs. Druiitt foi internado numa clínica de doenças mentais. O filho visitava-a regularmente, talvez com receio quanto à sua própria estabilidade mental. Para se dirigir à clínica, quer do seu escritório de advogado, quer de um colégio de rapazes onde era professor de Educação Física, Druiitt tinha de passar pelo bairro de Whitechapel.

Terão os receios de Druiitt, conjugados com o seu ódio às mulheres, produzindo o monstro que se intitulava Jack, o Estripador? Em outubro, o seu irmão William já notava nele sinais de desequilíbrio mental e comportamento aberrante; e a 30 de novembro Druiitt foi sumariamente despedido do colégio.

Para algumas pessoas, parece provável que Os Apóstolos tenham utilizado a sua elevada posição social para protegerem o bom nome de um dos seus. Talvez tenham encorajado Druiitt, a suicidar-se ou até se tenham juntado para o matar, terminando assim com o seu vício bárbaro e insaciável. E depois, ainda segundo os defensores desta teoria, terão convencido segundo as autoridades a encobrir a verdade e a encerrar o caso.

Suspeito de 14 assassinatos, o criminoso desconhecido foi talvez culpado apenas de cinco durante o seu reinado de terror de três meses. Fascinado pelo sangue, escolhendo as vítimas de modo que os locais dos crimes formassem uma cruz no mapa de Whitechapel, Jack, o Estripador, nunca, provavelmente, virá ser identificado e muito menos compreendido.